

Passado e presente precários: imagens do centro histórico de Natal/RN — Brasil em sobreposições fotográficas

**Precarious past and present: images of the historic center of Natal/RN
— Brazil in photographic overlays**

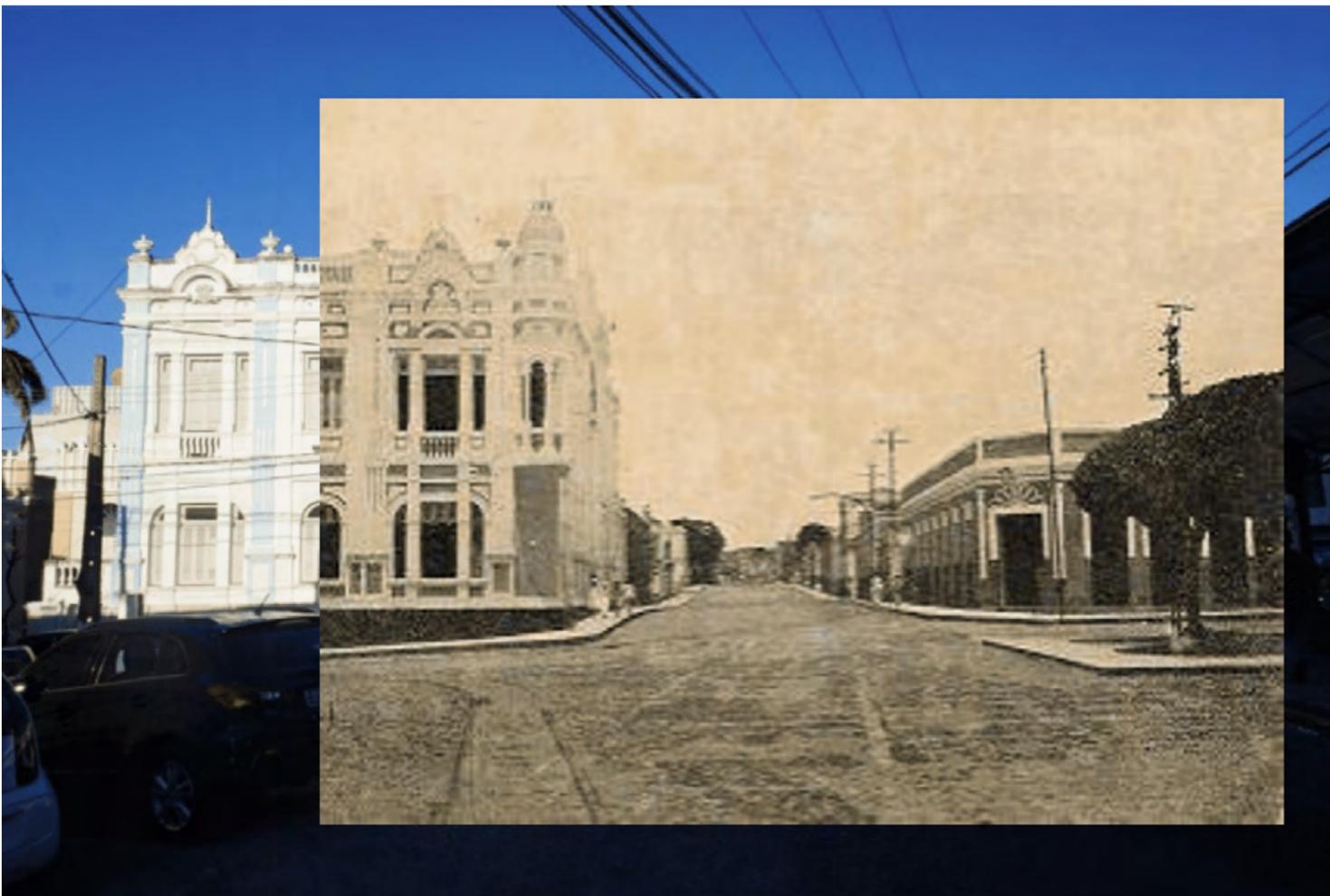
José Duarte Barbosa Júnior ¹

duarte.junior@ifrn.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/6542228199752323>

<https://orcid.org/0000-0001-5671-5687>

¹ - Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/IFRN-CN) e do Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS/UFRN).



Resumo: Este ensaio apresenta um mapa e dez sobreposições fotográficas que abordam a cidade do Natal/RN — Brasil apontando para as condições de precariedade persistentes em sua história. Utilizando a pesquisa documental, a captura fotográfica realizada em 2017 e a pesquisa fotográfica tomei a planta da cidade como base espacial e as fotografias como pontos a percorrer em campo. Como resultado vê-se, no centro histórico, estruturas comprometidas que evidenciam a precariedade da sua conservação. As tentativas de reabilitação não parecem lograr êxito deixando esvair-se o dever e o direito à memória da cidade.

Palavras-chave: cidade, centro histórico, Natal/RN, precariedade, fotografia, imagens da cidade

Abstract: *This essay presents a map and ten photographic superimpositions that address the city of Natal/RN — Brazil, pointing to the persistent precarious conditions in its history. Using the documentary research, the photographic capture carried out in 2017 and the photographic research, I took the city plan as a spatial base and the photographs as points to be traveled in the field. As a result, in the historic center you can see compromised structures that show the precariousness of their conservation. The attempts at rehabilitation do not seem to be successful, leaving it to slip away or have to go directly to the memory of the city.*

Keywords: *city, historic center, Natal/RN, precariousness, photography, images of the city*

I

As sobreposições fotográficas aqui apresentadas abordam a cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, em seu aspecto de precariedade persistente. Parte da pesquisa sobre as imagens da cidade e trata das mudanças ocorridas em seu centro histórico, os bairros da Cidade Alta e da Ribeira, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX em contraste com o presente. Nesses bairros há ainda um conjunto de edifícios em estados variados de conservação. Seus prédios e equipamentos passaram a ser, ao longo das décadas, sobrevivências de um tempo, tornando-se, algumas vezes, detalhes pouco expressivos, mas resistentes na paisagem urbana.

O trabalho iniciou com inquietações postas pelo meu itinerário de pesquisa (BARBOSA JR, 2013; 2019), junto ao Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS/UFRN). Lançando um olhar urbano e imagético sobre a Natal da época, propus uma análise visual da persistência da precariedade. Essa situação é apontada em relatos desde o século XVIII (TEIXEIRA, 2009), descrevendo a Natal que foi, durante dois séculos inteiros, uma pequena cidade, com poucas habitações de andar térreo, rodeada de mato. Assim, a ideia de precariedade aqui refere-se a pelo menos três aspectos: a precariedade da cidade colonial em formação; a precariedade da cidade desigual em busca dos ideais da modernidade; a precariedade da cidade contemporânea no desafio ao direito à memória da cidade (LEFEBVRE, 2001; HALBWACHS, 1990).

As ferramentas para essa abordagem são a fotografia, nas dimensões da pesquisa documental e da captura fotográfica, e a pesquisa bibliográfica. As fotografias de época aqui utilizadas foram retiradas de diversas fontes em domínio público. A partir daí foram selecionadas 32 delas, realizadas 26 sobreposições, sendo 10 imagens finais aqui apresentadas. No exercício fotográfico in loco houve desafios relativos ao enquadramento, à existência de obstáculos no espaço, à datação precisa das fotografias e à falta de segurança pública nos bairros.

Busquei referenciar espacialmente aquelas imagens e realizei uma releitura da planta da cidade do Atlas do Império do Brasil (ALMEIDA, 1868). Pela sobreposição dos principais elementos, fiz coincidir com uma imagem de satélite do Google Maps (2017). Para fotografar os prédios, andei pela cidade tomando como Norte o conjunto das fotografias montado anteriormente. O trabalho de campo consistiu numa caminhada partindo do cruzamento das avenidas Rio Branco e João Pessoa na Cidade Alta, indo até à Rua Chile e terminando no cruzamento das avenidas Duque de Caxias com Tavares de Lira na Ribeira.

II

A fundação da cidade se deu por decreto do Rei Felipe II no final do século XVII. Um lento desenvolvimento seguiu por 200 anos (sécs. XVII–XVIII) e no início do século XX havia apenas dois bairros: a Cidade Alta e a Cidade Baixa, a Ribeira. O ano de 1905 foi marcado pela chegada de milhares de retirantes que se dispersam em grande parte nas franjas da cidade de então (FERREIRA e DANTAS, 2001). No espaço de 50 anos (1889–1939) vê-se a busca pela modernização e a participação da cidade na Segunda Guerra Mundial.

A Cidade Alta é o bairro que corresponde à fundação de Natal. O Rei também havia ordenado a edificação da fortaleza, chamada “Reis Magos”, e a fundação da “povoação” que viria a ser Natal (LYRA, 1998, p. 34). O bairro da Ribeira era um alagado onde vertia rio e sobre o qual, nas primeiras décadas do século XVII, já existia uma ponte de madeira; no século XVIII, a capela do Bom Jesus das Dores; e em 1810 o viajante Henry Koster descreveu a “cidade baixa” como reduto de negociantes (CASCUDO, 1980, p. 133).

No centro histórico vemos estruturas comprometidas que evidenciam a precariedade da sua conservação. Restam poucos edifícios do século XIX e muitos do começo do XX não existem mais. As aspirações modernistas parecem ter estabelecido um encanto com o “novo”, mas não foi capaz de apagar as marcas de um passado colonial, escravocrata e atrasado. Nem a imaginação poética da cidade “daqui a cinquenta anos” (DANTAS, 1996) escapou ao esquecimento. As implementações urbanas do começo do século XX não tornou mais igual a relação entre os cidadãos. E o abandono da velha cidade em direção a novos espaços de expansão foi esvaziando o sentimento de pertença da população hoje.

Não devemos pensar na cidade como um acidente, mas como o resultado de escolhas, como aquelas que refletem hoje no plano diretor. Ela é o resultado de uma relação em que o abandono reflete a falta do cuidado com a memória. A reabilitação desses espaços e objetos, notadamente o centro histórico, tem efeitos diversos: pode permitir o uso público e a apreciação coletiva, ou pode contribuir para mais abandono e esquecimento. De quem depende o direito à memória da cidade?

Agradeço à Taynah Passos pela companhia e assistência durante o exercício fotográfico nos bairros da Cidade Alta e da Ribeira, à Thágila Maria pelo olhar de quem pesquisou os circuitos nesses bairros e me provocou a mostrar mais dessa cidade esquecida e ao Pablo Pinheiro pelo cuidadoso e sistemático olhar sobre as fotografias e as sobreposições.

Referências

ALMEIDA, Cândido Mendes. Atlas do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomatico, 1868.

BARBOSA JR, José Duarte. Trajetórias, grafias e arte de rua na cidade do Natal/RN — Brasil. UFRN/PPGAS, 2019. [Tese]

_____. Favela não é o lugar, são as pessoas. Desconstruindo entre lugar e violência no Sarney e no Japão. Natal/RN: PPGAS/UFRN, 2013. (Dissertação).

CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade do Natal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.

DANTAS, Manoel. Natal daqui a cinquenta anos. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1996.

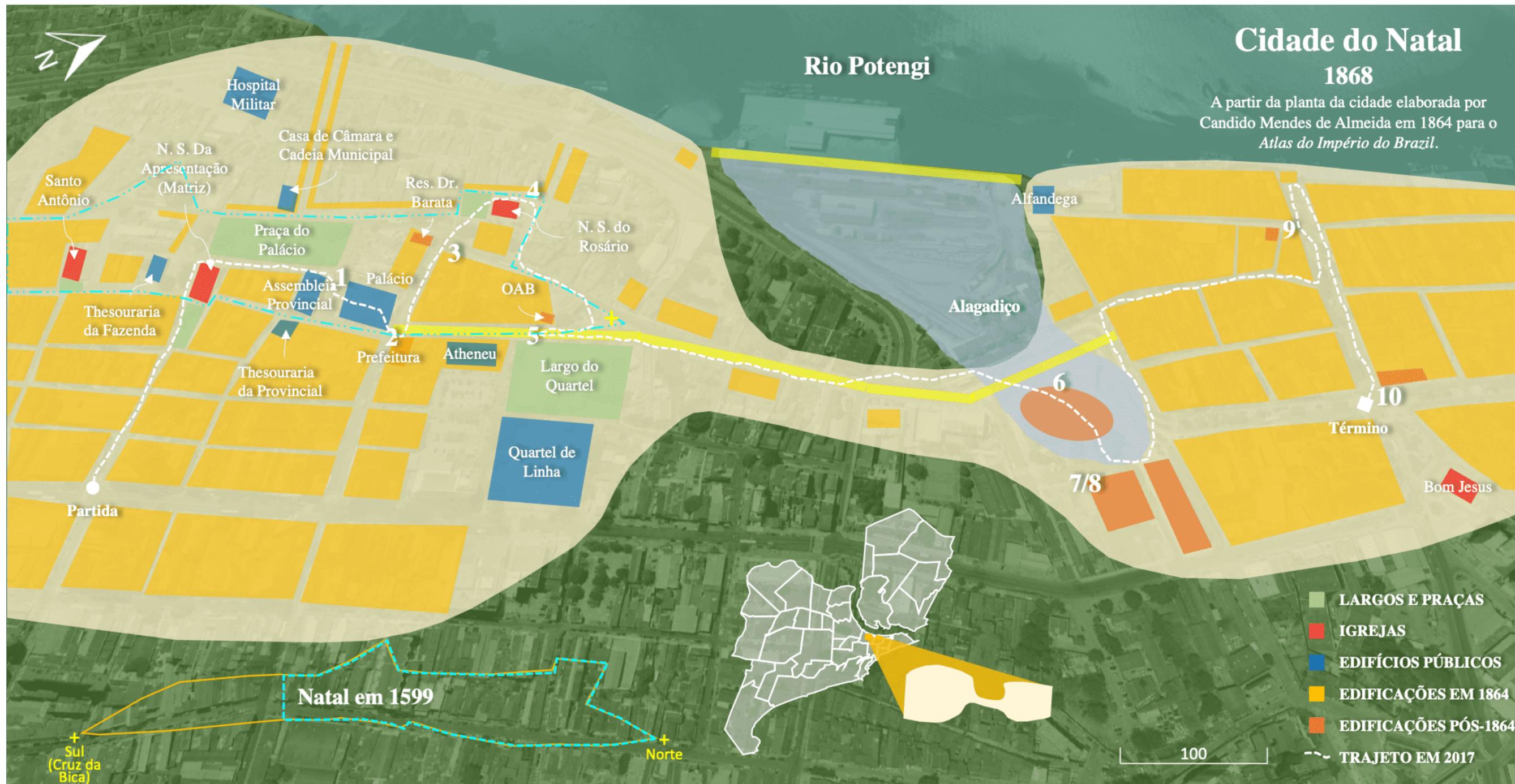
FERREIRA, Ângela L. A; DANTAS, George. A F. Os “indesejáveis” na cidade: as representações do retirante da seca (Natal, 1890–1930). In: Scripta Nova, Universidad de Barcelona, Nº 94 (96), 2001.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Edições Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

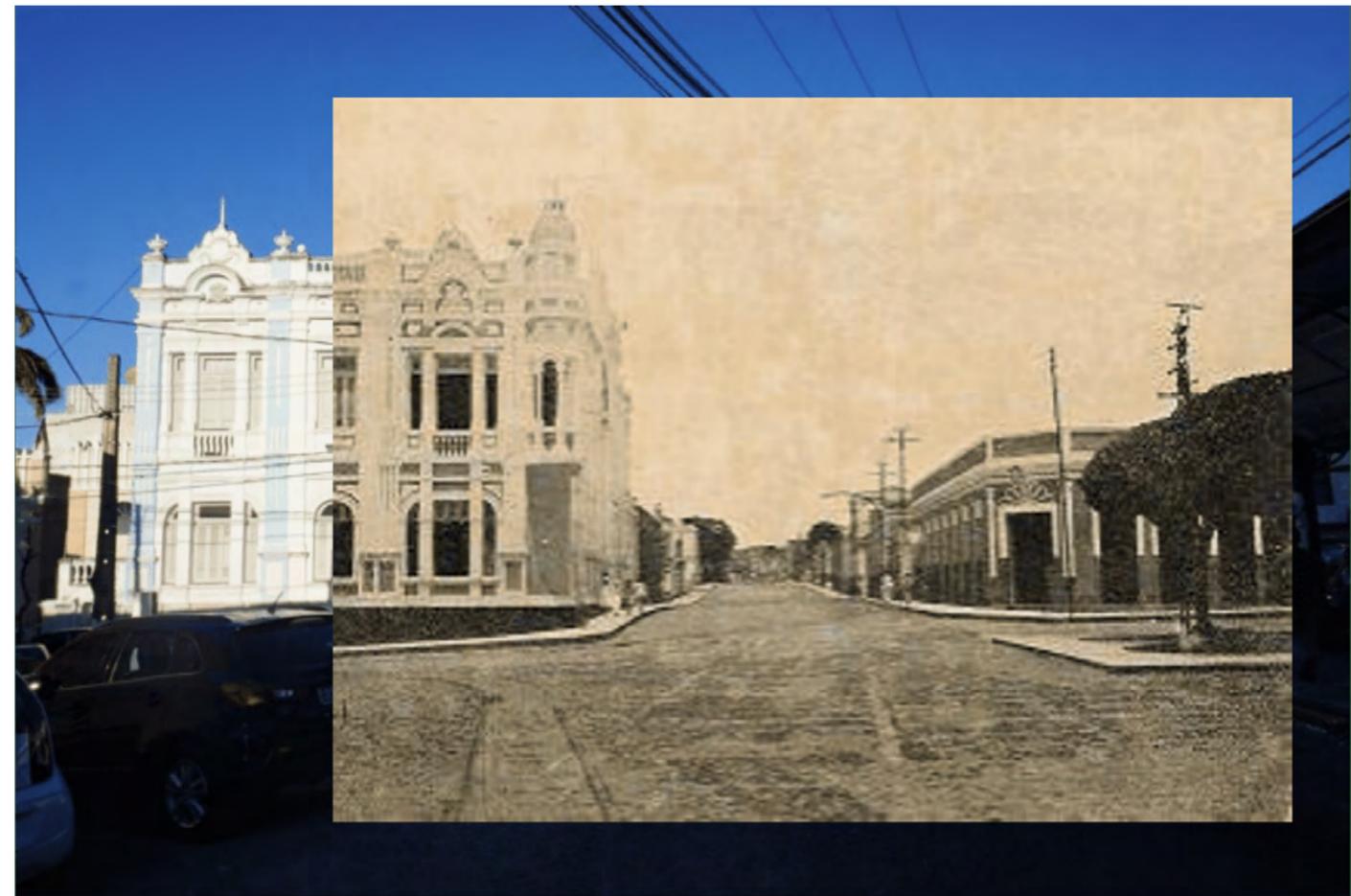
LYRA, Augusto T. História do Rio Grande do Norte. Natal/RN: IHGRN, 1998.

TEIXEIRA, Rubenilson B. Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso da forma e da função urbana. Natal/RN: EDUFRN, 2009.





02



03



04



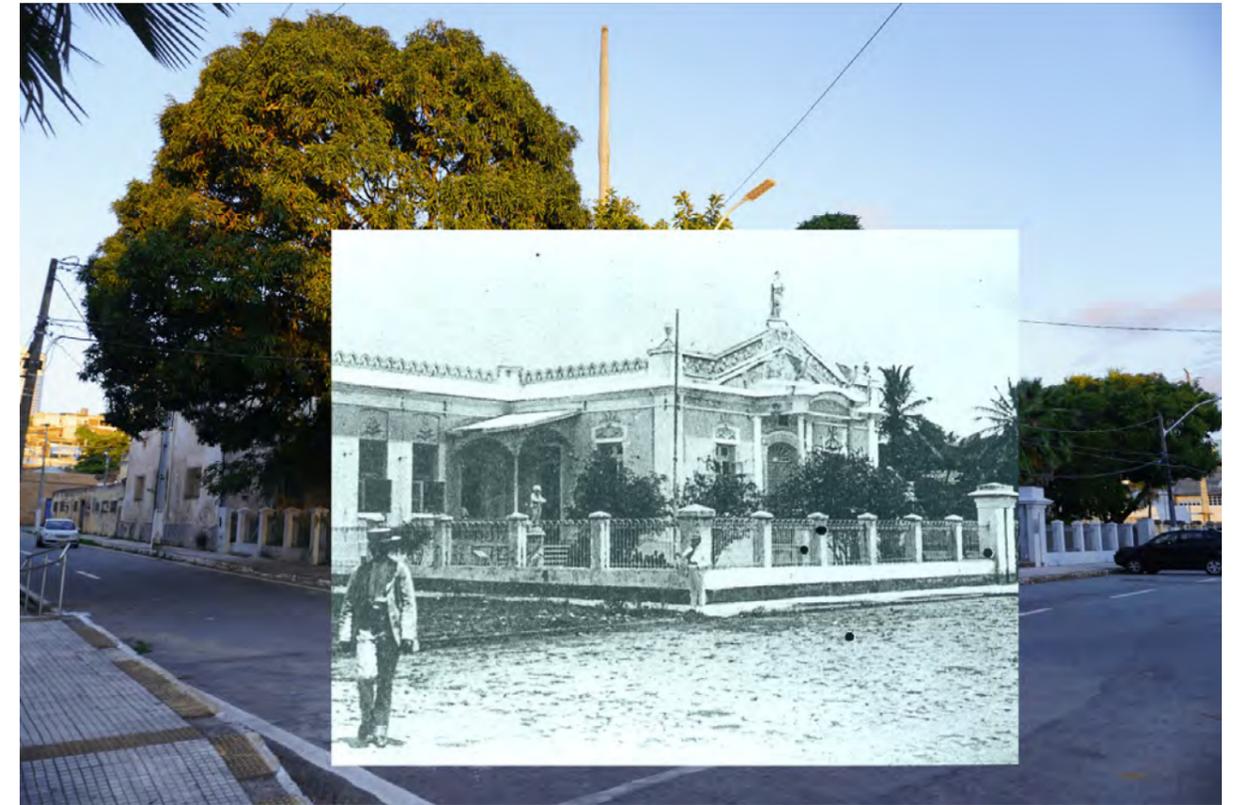
05



06



07



09



08



10



Legendas

01 - Mancha urbana da cidade e planta da cidade do Natal na segunda metade do século XIX contendo largos, praças, igrejas, edifícios públicos e quarteirões/edificações entre os anos de 1864–68. A imagem foi construída com base na planta da cidade, conforme apresentada no Atlas do Império do Brasil (1868) de Cândido Mendes de Almeida. Os elementos gráficos referentes às localidades e edificações foram redesenhados e sobrepostos sobre uma imagem de satélite (Google, 2013). Em seguida acrescentou-se a linha tracejada que corresponde ao trajeto de exercício fotográfico. Por fim, foram acrescentadas as edificações pós-1864–68. Consta ainda marcada um linha dos limites da cidade correspondente ao sítio original (1599).

02 - Perímetro que abriga a antiga Assembleia Provincial (atual Pinacoteca do Estado do Rio Grande do Norte) e a praça à sua frente. O edifício é uma das mais importantes obras arquitetônicas históricas do estado e seu maior exemplar do estilo neoclássico. Já a praça conserva a forma do terreno depois de 1914 quando um quarteirão foi demolido para lhe dar lugar. Ao centro vê-se o monumento da Independência de autoria de A. Bibiano Silva, de 1922. Ao compararmos as partes, respectivamente do século XXI e do início do século XX, percebe-se no primeiro uma aparente falta de cuidado no que concerne ao controle do paisagismo e à conservação do monumento.

03 - A construção do Palácio Felipe Camarão remonta ao ano de 1922 no governo do então presidente da Intendência, Theodósio Paiva. O prédio de estilo eclético, projeto do arquiteto italiano, Miguel Micussi, é um caso de boa conservação. A construção reflete no período da sua inauguração, no dia 7 de setembro, as comemorações do centenário da Independência do Brasil. Desde 1955 está sendo ocupado pela Prefeitura Municipal de Natal. A fotografia sobreposta ao centro, provavelmente das três primeiras décadas do século XX, denota uma paisagem marcada por prédios de apenas um andar, o que torna o Palácio um prédio imponente para época.

04 - A passagem do Graf Zeppelin marca de forma fantasmática a paisagem da Cidade Alta em 1930. No plano inferior da fotografia vê-se o casario do cruzamento entre as ruas Padre João Manoel e Rua Dom Pedro I. No canto direito vê-se a antiga residência do médico e ex-deputado Afonso Moreira de Loyola Barata, o “Dr. Barata”. Até o final dos anos 1960 o casarão foi ocupado pela filha de Barata, Alice China Barata. Depois disso, foi ocupado pelo Hotel Majestic e nos anos 1980 vendido ao Governo do Estado. No ano 2000 o prédio foi tombado por solicitação da Fundação José Augusto. Desde o ano de 2007 o casarão passou por um longo processo de restauração para dar lugar ao atual Memorial Desembargador Vicente Lemos. O edifício de dois andares no canto esquerdo permanece com algumas alterações. A respeito do contraste entre as imagens e os seus tempos, pode-se inferir sobre a presença caótica da fiação do fornecimento

elétrico, menos expressivo nos anos 1930. A passagem do Zeppelin, que nesta figura é um plano de fundo (diferente da fotografia original, onde o dirigível predomina como objeto) é particularmente relevante ao denotar a inserção da cidade do Natal num dinâmica internacional.

05 - A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos teve sua construção iniciada por volta do começo do século XVIII (aprox. 1706–1774) e sofreu intervenções ao longo de dois séculos. A igreja é a segunda mais antiga, destinada ao culto católico dos escravizados. No passado, a região onde se localiza era escondida e recuada em relação ao perímetro central da cidade. À sua frente uma espécie de largo afunilava e descia o platô numa primitiva estrada que unia a cidade à fortaleza dos Reis Magos (TEIXEIRA, 2009). Atualmente, as interferências em volta da igreja vão além do processo de modernização, incluindo a verticalização da cidade e mesmo a “renovação urbana”. É tombada desde 1987 foi pelo patrimônio estadual. O largo da igreja, que conta ainda com um monumento dedicado à libertação dos escravos, encontra-se numa situação de abandono e esquecimento.

06 - O atual edifício da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) foi inaugurado em 1906 para abrigar a sede do Congresso Legislativo Estadual (antecessor da Assembleia Legislativa), depois o Tribunal de Justiça do Estado. O prédio conserva a maioria das suas características originais, estilo art nouveau desenhado pelo arquiteto Herculano Ramos. Também passou por reformas que respeitaram os padrões originais do projeto. A paisagem em volta modificou-se constantemente ao longo das décadas e, em alguns casos, drasticamente. Na localidade um conjunto de equipamentos foi revitalizado em 1968 e, depois em 2011. Os elementos da paisagem marcam sobremaneira o encontro entre o antigo e o novo na cidade.

07 - Adentramos o bairro da Ribeira, vê-se um recorte do “Jardim Público da Praça Augusto Severo”. No extremo esquerdo da figura vê-se ao fundo um casarão, a antiga residência do industrial Juvino Cesar de Paes Barreto. O edifício é uma construção do final do século XIX e em meados da década de 1930 foi doado à Ordem dos Salesianos. No lado oposto direito da figura uma pequena ponte figura no lugar onde corria um riacho, no espaço em que, anteriormente era uma região pantanosa, como mostra a planta da cidade no Atlas do Império (1868). O rio, o jardim, o paisagismo, a sociabilidade da praça Augusto Severo desapareceram restando outros indícios de passados sobrepostos: a ponte que já não divisa lados cortados por rio, a rodoviária que não recebe mais passageiros (quina azul da extremidade superior da fotografia). Em 1905 o lugar foi palco da chegada de milhares de retirantes da seca, cuja mão de obra foi empregada nas obras que aterraram o alagadiço e possibilitou a construção da praça (FERREIRA & DANTAS, 2006). Ali foi importante espaço de expansão e conexão urbana, e um símbolo da modernização da cidade. A sociabilidade urbana foi forte por pelo

menos cem anos nessa localidade onde se localizavam o Teatro Carlos Gomes, o Grupo Escolar Augusto Severo, a Escola Doméstica e Palacete Juvino Barreto, dentre outros prédios, outrora comércio e residência. Esse espaço também teve forte incremento durante a Segunda Guerra Mundial e início do seu abandono com o fim da Guerra.

08 - A estátua de bronze inaugurada no ano de 1913 emerge para denotar a importância histórica do ilustre cidadão, Augusto Severo. A inauguração do espaço ocorreu onze anos após a trágica morte de Augusto Severo em Paris. A praça que traz seu nome, até meados do século XIX figurou um pântano alagadiço do Rio Potengi, tornou-se no início do século XX um espaço vivo de sociabilidade, residência e comércio. Nos primeiros anos do século XX a praça começa a tomar forma com o ajardinamento promovido pelo então governador Augusto Tavares de Lira que deu ao logradouro os contornos que se percebe nas fotografias que retratam a praça.

09 - As imagens seguintes (7 e 8) retratam respectivamente o antigo Grupo Escolar Augusto Severo em duas perspectivas. A primeira perspectiva tem como ponto de fuga uma extremidade da Praça Augusto Severo, a segunda alguns metros em direção à estátua de Augusto Severo. O prédio se destaca na paisagem da Ribeira e contrasta com o atual estado de conservação do edifício. Tendo sido inaugurado em 12 de junho de 1908, credita-se a Herculano Ramos o seu projeto arquitetônico. O Grupo Escolar Augusto Severo passou a Escola-Modelo em 1909; entre 1952 e 1954 abrigou o Atheneu Norte-rio-grandense; entre 1956 e 1974 serviu de sede da Faculdade de Direito; depois foi sede da Secretária de Segurança Pública do Estado, e em 1991, foi tombado pelo governo do Estado.

10 - As imagens seguintes (7 e 8) retratam respectivamente o antigo Grupo Escolar Augusto Severo em duas perspectivas. A primeira perspectiva tem como ponto de fuga uma extremidade da Praça Augusto Severo, a segunda alguns metros em direção à estátua de Augusto Severo. O prédio se destaca na paisagem da Ribeira e contrasta com o atual estado de conservação do edifício. Tendo sido inaugurado em 12 de junho de 1908, credita-se a Herculano Ramos o seu projeto arquitetônico. O Grupo Escolar Augusto Severo passou a Escola-Modelo em 1909; entre 1952 e 1954 abrigou o Atheneu Norte-rio-grandense; entre 1956 e 1974 serviu de sede da Faculdade de Direito; depois foi sede da Secretária de Segurança Pública do Estado, e em 1991, foi tombado pelo governo do Estado.

11 - Cruzamento da Avenida Duque de Caxias e Avenida Tavares de Lira. Ao centro destaca-se o atual prédio do PROCON, como vê-se no letreiro em sua lateral e a antiga sede do Banco do Estado do Rio Grande do Norte, o BANDERN, construído no final da década de 1930. A fotografia da velha Natal à esquerda retrata a vida cotidiana do bairro da Ribeira, provavelmente nos anos 1940. O projeto do prédio do BANDERN é atribuído ao

engenheiro Gentil Ferreira, que foi prefeito de Natal. É possível notar que a “cena”, sobrepostas as fotografias, capta três tipos de transporte: o jumento, o carro e o bonde. Em contraste, vê-se na fotografia da “nova” Natal os carros particulares, lógica dominante no transporte e na mobilidade urbana da cidade. Os anos de 1940 trarão a participação da cidade na Segunda Guerra Mundial e os seus impactos: a cidade cresceu rapidamente em serviços, população e malha urbana, mas logo terminou a Guerra, o bairro da Ribeira foi pouco a pouco caindo em abandono. Sendo alvo de projetos de renovação urbana, o lugar foi gentrificado: a rodoviária que servia de nó viário e humano com bares e comércios populares, perdeu a função primeira para abrigar um museu que funciona de forma intermitente, o elemento humano, as pessoas rarearam.